

AS REFORMAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E SEUS IMPACTOS NO COTIDIANO DOS PROFESSORES DO ENSINO DE NÍVEL TÉCNICO

MÍRIAM ALBANI

Instituto Federal de Educação do Espírito Santo – Campus Colatina
E-mail: mirialban@gmail.com

RESUMO:

A contemporaneidade é marcada por profundas transformações que impactam o ser e o fazer dos indivíduos. Diante desse contexto, este trabalho busca investigar as percepções dos professores sobre as reformas da educação profissional por que passou o Ifes. O problema de pesquisa surge da necessidade de identificar o impacto dessas mudanças para os professores no seu cotidiano de trabalho e de que forma essa questão produziu seus pensamentos e suas práticas. Como metodologia adotou-se a abordagem qualitativa, na qual foram analisadas as narrativas dos professores através das quais relatam suas experiências. Os resultados apontam que o pensamento hegemônico atravessa os discursos e as práticas dos professores ao mesmo tempo em que des(constroem) a realidade por meio de incessantes lutas.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação. Reforma do ensino. Professores. Globalização.

THE PROFESSIONAL EDUCATION CHANGES AND THEIR IMPACTS ON THE TEACHERS' DAILY LIFE OF TECHNICAL-LEVEL EDUCATION

ABSTRACT:

The contemporary world is marked by deep changes that impact the being and doing of individuals. In this context, this work investigates the perceptions of teachers on educational changes experienced in Ifes. The research problem arises from the need to identify the impact of these changes for teachers in their daily work and how this issue has produced their thoughts and practices. The methodology adopted is the qualitative approach, through which the narratives of the teachers were analyzed and their experiences were reported. The results show that the hegemonic thinking crosses over the discourses and practices of teachers and, at the same time, it dis(constructs) the reality through constant struggles .

KEYWORDS:

Education. Educational changes. Teachers. Globalization.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo um (re)exame do resultado apresentado de uma pesquisa (ALBANI, 2009) que investigou o impacto da globalização contemporânea no cotidiano dos professores do Instituto Federal de

Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – Ifes. O estudo foi norteado pela hipótese de que as reformas da educação profissional ocorridas desde 1993 até os dias atuais produziram efeitos específicos ao longo desse período nas experiências cotidianas dos professores pesquisados.

A questão fundamental que nos orienta é investigar como os professores do Ifes narram, na atualidade, suas experiências com a implantação das reformas na educação profissional fazendo um paralelo com suas percepções anteriores, que foram objeto de estudo da dissertação de mestrado da autora. Naquela oportunidade, nos intrigava saber se os professores vivenciaram as mudanças na educação profissional brasileira com maior ou menor impacto no seu cotidiano de trabalho, tendo como base as reflexões de Santos (2008a, p. 197), que nos alerta que “cada vez que há uma [...] mudança organizacional profunda [...] os modelos de percepção da realidade mudam substancialmente”.

Os dados construídos são analisados no intuito de perceber de que modo os professores do Ifes vivenciaram e vivem as mudanças educacionais e de que forma essa questão produziu seus pensamentos, suas práticas, suas vidas. A opção pelas narrativas livres de direcionamentos é propositalmente escolhida para a possível constatação da proposta de pesquisa, a partir da análise do discurso desses professores.

Neste estudo trabalha-se com vários autores que colaboram com suas ideias para a análise da pesquisa. A escolha pela proposta de globalização do intelectual Milton Santos deu-se a partir da rica experiência em mudar o foco do olhar sobre as questões cotidianas e verificar como os professores as percebem, pois para Santos (2008b) “os indivíduos não são igualmente atingidos por esse fenômeno, cuja difusão encontra obstáculos na diversidade das pessoas e na diversidade dos lugares” (2008b, p. 142-143).

A ideia é de que a globalização, da maneira como se dá na contemporaneidade, tem como característica a perversidade, e que uma outra globalização, uma outra forma de pensar e viver o mundo é possível. O conhecimento produzido por outros autores que proporcionam, a exemplo de Santos (2008b), uma base teórica para analisar o discurso produzido pelos professores nos ajuda a entender as características da atual globalização e como seus efeitos são produzidos.

Os professores pesquisados relataram suas histórias de vida: os caminhos percorridos, as lutas, os enfrentamentos, os sentimentos, as dificuldades, as vitórias, a produção de novas formas de vida. São fatos relevantes para o contexto educacional do Ifes e da Educação Profissional e Tecnológica - EPT, pois indicam a face do poder da globalização representada pelas prescrições de reformas educacionais e do poder dos professores sujeitos que reelaboram os acontecimentos não planejados por eles em seu cotidiano de trabalho na EPT.

Foi realizada uma pesquisa que deu visibilidade às questões dos professores que procuram dar um sentido ao seu próprio trabalho na Educação Profissional e Tecnológica nas redes de situações que se tramam no cotidiano escolar. Nesse sentido, eles detêm uma poderosa força que faz com que criem novas situações para tentar harmonizar a vida diante dos fatos que supostamente lhes são alheios.

Viver num mundo que é uma “metamorfose ambulante” (SEIXAS, 1998, faixa 5) nos impulsiona para novas formas de vida, novas ações, inúmeros desdobramentos que apontam para novas mudanças. A dinamicidade do cotidiano pode nos mostrar como as questões impostas pelo mundo moderno são enfrentadas, como e quais processos se desconstroem e se gestam. Os seres humanos não são meros expectadores da história que se escreve. Eles são os atores

da história, fazendo uso daquilo que lhes é imposto historicamente, desconstruindo a lógica imposta e gerando novas formas de se escrever a história.

Este trabalho foi realizado sem buscar identidades ou respostas, mas uma reflexão sobre os conflitos cotidianos que historicamente fazem parte da vida dos profissionais da educação. Será uma tentativa de descortinar o que está para além das imposições das regras e visualizar o que está por entre a aparente névoa do cotidiano. Entender os desdobramentos do que é legalmente instituído e os conflitos que se desenrolam na trama que se processa a cada dia na escola e na Educação Profissional e Tecnológica.

2. O IFES E AS REFORMAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Concordando com Santos (2008c, p. 4) que “é sempre perigoso buscar reduzir a história a um esquema”, faz-se aqui uma referência resumida ao processo histórico que se deu no locus escolhido para a pesquisa no qual a autora trabalha, o Campus Colatina, pois utilizando a justificativa apresentada por Santos (2008c, p. 4) no seu livro Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional, “aqui a simplificação se impõe, com todos os seus riscos, para apontar o início de um processo e o seu estágio atual”.

O Campus Colatina pertencente ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - Ifes quando iniciou suas atividades no ano de 1993 era denominado Escola Técnica Federal do Espírito Santo e oferecia somente o então 2º grau profissionalizante com dois cursos: Edificações e Processamento de Dados. Passados quatro anos, a escola passou a oferecer por força do Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997 o Ensino Médio desvinculado do ensino profissionalizante, bem como, cursos técnicos subsequentes e concomitantes.

Em 1999, a Escola Técnica Federal do Espírito Santo foi transformada em Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo - Cefetes. Outro fato

significativo ocorreu em 19 de maio de 2003, por meio da Resolução nº 07 do Conselho Diretor do Cefetes, quando é autorizado o funcionamento do primeiro curso superior de tecnologia na área de Informática no então Cefetes – Unidade de Ensino Descentralizada de (UnED) Colatina, que até então oferecia somente cursos técnicos de nível médio. Começava, então, a implantação da verticalização do ensino.

Com o advento do Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004 a instituição tem a possibilidade de oferecer novamente a Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio. Em 2006, lança os Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em Gestão Empreendedora e Construção Civil. Ainda em 2006 a instituição passa a ofertar educação profissional técnica para jovens e adultos, por força do Decreto Presidencial nº 5478, de 24 de junho de 2005. Esse Decreto instituiu, no âmbito das instituições federais de educação tecnológica, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. No mesmo ano, o então Cefetes – UnED Colatina lança seu segundo curso superior, o de Tecnologia em Saneamento Ambiental.

Em 29 de dezembro de 2008, o antigo Cefetes foi transformado em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, passando a UnED Colatina a ser denominado Campus Colatina, conforme Lei nº. 11.892, que criou os institutos federais de educação. As alterações que se processaram impulsionaram o Ifes - Campus Colatina a desenvolver, além do ensino com a oferta de bacharelados e especializações lato sensu, a pesquisa e a extensão. Com isso, foram acrescentados objetivos e finalidades às atividades cotidianas da escola e modificada a sua estrutura organizacional.

Assim, o cenário do ensino profissional no Ifes - Campus Colatina foi se alterando rapidamente na história cronológica da educação brasileira. Além das

alterações que surgiam legalmente, através de Decretos Governamentais, havia mudanças na estrutura dos cursos implementadas pela própria instituição através de atos legais internos como a duração dos períodos letivos, sistemas de avaliação e matrizes curriculares. O recorte temporal da pesquisa, de 1993, ano em que o Campus Colatina iniciou suas atividades, até os dias atuais, justifica-se pelos constantes movimentos no cotidiano dos docentes diante das reformas apresentadas nesse período.

Os professores, mesmo sentindo que as alterações iriam ser implantadas sem a sua participação efetiva, procuravam alternativas para transformá-las em um trabalho de qualidade. A complexidade do momento fez com que os professores realizassem diversos movimentos nos seus planejamentos, nas suas posturas, nas suas ideias. O Ifes transformou-se em um rico espaço de produção de novas experiências, de novas aprendizagens, de reorganizações do seu cotidiano e de criatividade diante do que se implantava.

O novo estava sendo recriado pelos professores. Apesar das preocupações, percebia-se que os docentes acreditavam que tinham um importante papel a cumprir. Assim, entendemos que “[...] há os que atuam no cotidiano da escola e que lutam por transformá-la em um tempo/espço de troca, de criação, de relações amorosas e solidárias, isto sim, anúncio de novos tempos” (ALVES, GARCIA, 2002, p. 11).

Diante de tantas mudanças, é relevante refletir sobre a importância de se estar ciente das questões, pois isso permite que se lute por novos rumos. Os conflitos originados pelas tensões do cotidiano afetam os modos de agir, de pensar, de se relacionar. A busca de alternativas promove um movimento com diferentes saberes. Múltiplas interpretações podem ser produzidas pelos professores a partir de suas experiências com as reformas educacionais.

2.1. GLOBALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO

A globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em "sistema-mundo" de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos. Nesse sentido, com a unificação do planeta, a Terra torna-se um só e único "mundo" e assiste-se a uma refundição da "totalidade-terra". Trata-se de nova fase da história humana. Cada época se caracteriza pelo aparecimento de um conjunto de novas possibilidades concretas, que modificam equilíbrios preexistentes e procuram impor sua lei. Esse conjunto é sistêmico: podemos, pois, admitir que a globalização constitui um paradigma para a compreensão dos diferentes aspectos da realidade contemporânea (SANTOS, 2008c, p. 23).

A humanidade está vivendo uma revolução paradigmática sem fronteiras. Vivemos uma reestruturação de modelos e valores hegemônicos até então. A maneira de entender o mundo está sendo alterada de forma acelerada, principalmente pelo avanço também acelerado da ciência e da tecnologia. Substanciais mudanças ocorreram nas últimas décadas, principalmente no processo de reorganização do capitalismo internacional. Essas mudanças afetaram de forma específica a estrutura das sociedades e a vida dos indivíduos, suas relações sociais e seu comportamento. As instituições escolares não ficaram fora disso, pois são tidas pela sociedade como um importante patrimônio para adaptar-se às novas estruturas do mundo globalizado.

O impacto produzido pela necessidade de ampliar as fronteiras mercadológicas induziu os países à mundialização da economia através da abertura de novos mercados. Dalarosa (2003, p. 201) esclarece esse processo a que chamamos de globalização da seguinte forma:

Superando o período da assim chamada bipolarização do mundo, tendo como marco a queda do muro de Berlim e a desestruturação do modelo econômico soviético, a reestruturação produtiva do capital foi tomando uma forma globalizante e, a partir do início dos anos de 1990, passou-se a falar em globalização da economia, da cultura, das formas de vida. Esse fenômeno permeia hoje praticamente todos os âmbitos das relações

sociais, desde a economia, a política até a maneira de pensar das pessoas. A globalização diz respeito essencialmente ao processo de evolução e organização do sistema econômico capitalista no plano mundial.

Essa forma globalizante da economia, da cultura e dos modos de vida que experimentamos hoje é uma intensificação da mundialização da economia, característica do capitalismo contemporâneo. Santos (2008b, p. 23) acrescenta que “a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”. É um fenômeno de amplitude mundial que elimina as fronteiras entre os países e diminui as distâncias entre os indivíduos.

A história da humanidade nos indica que a preocupação em expandir o mercado é uma tendência antiga. Sobre essa questão da História, Corrêa afirma que “a globalização que vivenciamos nestas últimas décadas é, portanto, a forma de intensificação da tendência de internacionalização da economia, própria do capital iniciada há mais de 150 anos” (2003, p. 32). Dessa forma, podemos considerar que o movimento de globalização não é recente, manifestando-se de diversas formas no decorrer da história.

Foram várias as fases que o capitalismo atravessou, iniciadas por profundas transformações históricas, como as Grandes Navegações e a Revolução Industrial. Santos (2008b, p. 33) aponta que “A história do capitalismo pode ser dividida em períodos, pedaços de tempo marcados por certa coerência entre as suas variáveis significativas, que evoluem diferentemente, mas dentro de um sistema”.

Esses períodos acontecem sucessivamente na história a partir de um esgotamento da organização anterior gerando crises na estrutura estabelecida e, dessa forma, transformando suas características para superá-las. O capitalismo, periodicamente, apresenta uma crise que desenvolverá uma nova etapa dentro do seu sistema. Atualmente, o que se vê a todo o momento é a necessidade de

superação de esgotamentos com soluções que geram nova crise. Para Santos (2008b, p. 35)

O processo da crise é permanente, o que temos são crises sucessivas. Na verdade, trata-se de uma crise global, cuja evidência tanto se faz por meio de fenômenos globais como de manifestações particulares, neste ou naquele país, neste ou naquele momento, mas para produzir o novo estágio da crise. Nada é duradouro.

A globalização, da forma como é realizada hoje, é um instrumento para superação de crises desenvolvidas pelo capitalismo e permitiu a emergência do mercado globalizado. Suas ações afetam de uma maneira ou de outra todo o globo para continuar a dar sustentação a seu próprio processo. Com isso, ocorre uma modificação das relações do mercado e a necessidade de ampliação de novas ocupações e serviços, e a educação é vista pela sociedade com um importante instrumento para dar continuidade ao atual processo de desenvolvimento econômico, formando mão-de-obra qualificada.

Bauman (1999, p. 7), na introdução de seu livro intitulado “Globalização: as consequências humanas”, traz a seguinte fala:

A “globalização” está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo “globalizados”- e isso significa basicamente o mesmo para todos.

O pensamento de Bauman nos indica que o termo globalização é visto e sentido de diferentes maneiras, sendo que todos são afetados de uma forma ou de outra por ela. Mostra-nos, também, que não existe uma única forma de vivenciar a

globalização. Não há um conjunto perfeito de resultados dos pensamentos e ações. A sensação que se prova é estranhamente diferente nas maneiras de se viver.

Enquanto que para alguns determinados fatos são híbridos, para outros só existe uma homogeneidade. Nesse sentido, Bauman (1999, p. 36) faz a seguinte afirmação sobre situações que indicam diferenças humanas: “o que é facilmente legível ou transparente para alguns pode ser obscuro e opaco para outros. Onde alguns não encontram a menor dificuldade, outros podem sentir-se desorientados e perdidos”. Assim, onde alguns veem uma ordem universal, outros veem uma desordem local.

Para Santos (2008b, p. 142-143)

Para a maior parte da humanidade, o processo de globalização acaba tendo, direta ou indiretamente, influência sobre todos os aspectos da existência: a vida econômica, a vida cultural, as relações interpessoais e a própria subjetividade. Ele não se verifica de modo homogêneo, tanto em extensão quanto em profundidade, e o próprio fato de que seja criador de escassez é um dos motivos da impossibilidade da homogeneização.

Esse processo se empenha em unificar elementos da existência humana, o que desvaloriza e enfraquece, por exemplo, tradições e símbolos das sociedades. A resistência dos indivíduos, no entanto, para que esse processo de homogeneização não avance, utilizam táticas e estratégias que impedem que essa prática se concretize completamente. As diferenças do humano proporcionam movimentos plurais.

2.1.1 – O TEMPO E A VELOCIDADE

O processo de globalização iniciou-se com a história da humanidade, com as primeiras trocas entre os seres humanos, entre as tribos, entre as primeiras sociedades. Podemos considerar a aproximação entre as pessoas como o início da interligação entre todas as regiões do mundo. Isso originou uma dependência mútua

com o passar dos tempos. É um processo ininterrupto desde o início da história da humanidade até os dias de hoje.

Vesentini (2007, p. 97) afirma que “a globalização está associada a uma aceleração do tempo. Tudo muda mais rapidamente hoje em dia”. No início, o processo deu-se lentamente, mas, atualmente, a rapidez da globalização cresce vertiginosamente, fazendo-nos experimentar a sensação de o tempo passar cada vez mais rápido.

Mas para que serve a velocidade na produção da história? Santos (2008b, p. 122) nos coloca que “sem dúvida, ela serve ao exercício de uma competitividade desabrida, mas esta é uma coisa que ninguém sabe para o que realmente serve”. Dessa forma, entendemos que a aceleração do tempo não faz sentido para a maioria dos indivíduos, mas sim para as empresas hegemônicas que precisam ser competitivas no mercado globalizado. Essa velocidade não está disponível para todos, agravando as desigualdades entre os indivíduos que não têm acesso às tecnologias, por exemplo, que avançam cada vez mais rapidamente.

A velocidade nas sociedades da contemporaneidade é uma questão que afeta a percepção que o indivíduo tem do tempo. Quanto mais rápidas as comunicações entre os indivíduos, menos tempo se tem. Hoje, o tempo do relógio controla de forma vigorosa a vida dos indivíduos, que têm horários para quase tudo na sua vida diária.

Gerenciar o tempo não é, muitas vezes, tarefa fácil. Existe uma pressão para que o indivíduo dê conta de tudo em um tempo cada vez menor. O tempo presente é o tempo da velocidade: velocidade com que chegam as informações, com que o mercado se move, com que se dão as reformas em várias esferas da sociedade.

As instituições escolares estão dominadas pela questão do tempo, quando as pensamos, por exemplo, em sua estrutura legal: cumprimento de horários, anos

letivos, cargas horárias. É o tempo cronológico que se implantou nas escolas e no mundo como um aspecto relevante para a organização das sociedades modernas. Silva (2001, p. 29) afirma que

Pensar o tempo é pensar também sobre o poder de domínio do próprio tempo. Nesse sentido, quando estamos a falar do tempo estamos a visualizar uma autoridade, uma forma de poder normativo, que regula na esfera das instituições, por exemplo.

Mas existe certa dificuldade na obediência às normas da sociedade hegemônica por parte do indivíduo. O tempo é dominado pelos interesses, pelas experiências, pela autonomia, pela liberdade de pensamento de cada um. O ser humano pode controlar o seu próprio tempo, que é efêmero pela velocidade que se impõe. Assmann (2002, p. 192) nos explica que

[...] o problema do tempo mexe diretamente com a questão da finitude, da acomodação, da alienação, da resistência, da insurgência e das variadas maneiras de *contemporizar* (ceder ao “realismo”) e *contemporaneizar-se* (tornar-se contemporâneo com os outros realmente existentes). Ser contemporâneo não é coisa fácil. Creio, porém, que faz parte da luta, individual e coletiva, para que haja vida antes da morte.

O fato que se faz presente é a complexidade de conciliação entre o tempo do relógio, imposto pela racionalidade científica, e o tempo individual, diante da intensidade de vida particular. Os indivíduos experimentam ritmos diferentes no tempo cronológico. Diante de cada cronograma de trabalho, não há sincronia entre os indivíduos, por menor que seja a fração de tempo. São as diversas temporalidades que cada indivíduo e cada sociedade experimentam nos seus tempos subjetivos de percepção de mundo. Tempos absoluto, histórico, biológico, cronológico, vivo. São as várias maneiras de se experimentar o tempo. São várias as maneiras de se viver o tempo.

Essa velocidade propagada no mundo globalizado é difundida pela ideologia hegemônica e atende poucas instituições e indivíduos. Contudo, essa ideia atinge a

todos, direta ou indiretamente. Para se aventurar na competitividade presente no mundo contemporâneo, é necessário acompanhar a velocidade imposta. Santos (2008b, p. 125) nos coloca que

A eficácia da velocidade hegemônica é de natureza política e depende do sistema socioeconômico político em ação. Pode-se dizer que, em uma dada situação, tal velocidade hegemônica é uma velocidade imposta ideologicamente.

Nesse caso, podemos perceber que a velocidade é um fator do mundo globalizado que interessa a poucos e não beneficia a todos. A obsessão pela aceleração do tempo como paradigma da época presente é um fator que traz desafios para muitos indivíduos. Santos (2008b, p. 83) nos explica que

Hoje, vivemos um mundo da rapidez e da fluidez. Trata-se de uma fluidez virtual, possível pela presença dos novos sistemas técnicos, sobretudo os sistemas da informação e de uma fluidez efetiva, realizada quando essa fluidez potencial é utilizada no exercício da ação, pelas empresas e instituições hegemônicas. A fluidez potencial aparece no imaginário e na ideologia como se fosse um bem comum, uma fluidez para todos, quando na verdade, apenas alguns agentes têm a possibilidade de utilizá-la, tornando-se, desse modo, os detentores efetivos da velocidade.

Uma questão que é colocada pela velocidade do mundo globalizado é a grande quantidade de informações que rapidamente chegam até os indivíduos que têm acesso à tecnologia. Talvez essa questão justifique a angústia que os indivíduos sentem quando não conseguem apreender o incrível número de informações. O indivíduo se sente lento. Um sentimento de inquietude, de querer adaptar-se, de não estar conectado com o mundo, de não encontrar sentido. A informação é utilizada como mercadoria, uma ferramenta essencial aliada à velocidade a serviço do mercado globalizado.

As várias possibilidades diante desse contexto da comunicação podem levar o indivíduo a mudar sua experiência de mundo: seu conhecimento, seus valores, suas

temporalidades. No espaço vivido vivemos inúmeras temporalidades. E isso se aplica às instituições escolares.

3 – O PROCESSO DE PESQUISA COM OS PROFESSORES DO IFES

Para entender o impacto das mudanças que ocorreram nos últimos anos e continuam acontecendo no Ensino Profissional do Ifes, realizou-se encontros com professores do Campus Colatina para ouvir suas experiências, suas angústias, suas lutas, suas histórias de vida. Buscou-se responder às seguintes questões: As reformas da educação profissional afetaram o cotidiano de todos os professores? Qual o impacto dessas mudanças no trabalho docente? Como os professores vivenciaram as alterações sofridas na educação profissional de nível técnico? De que forma essas questões produziram seus pensamentos e suas práticas? Houve resistência às novas regras instituídas?

Para responder essas perguntas, solicitamos aos professores que relatassem suas vidas profissionais e pessoais, desde sua entrada no Ifes enfocando a trajetória experimentada. Nesse processo, foram realizadas, nos encontros com os professores, conversas que se aproximam da análise do contexto do mundo contemporâneo globalizado. São narrativas que falam dos caminhos percorridos por esses profissionais da educação no Ensino Profissional que direcionam ao conhecimento da rica experiência de cada um com suas lembranças do que viveram e vivem na escola. “Narrar a vida é reinventá-la. É produzir novos sentidos, é reatualizar, em novo contexto, as marcas inscritas em nosso corpo, em nossa história” (PÉREZ, 2003, p. 112). O relato de situações no trabalho cotidiano permite vislumbrar novas formas de vida e de luta no ambiente de trabalho do Ifes.

No período histórico de mudanças que foi apresentado, os movimentos dos professores narrados por eles mesmos é uma maneira de entender que “a forma como a profissão é vivida não é igual para todos os professores” (SOUZA, 2005, p.

208). O ato de narrar sua história torna-se um ato de conhecimento, como uma rede de significantes, traduzindo formas de representar o mundo, compartilhando a realidade social, produzindo sonhos, desejos e utopias (PÉREZ, 2003, p. 101) que, para cada professor, engendra-se de diferentes maneiras.

Considerando as narrativas dos docentes, procurou-se identificar as questões levantadas para ampliar a possibilidade de análise e dar maior visibilidade às suas concepções. Optou-se em utilizar a narrativa como possibilidade de pesquisa (ALVES, 2001) em decorrência da importância de percebermos as experiências cotidianas numa proposta de movimento de expressão da vida.

Na pesquisa realizada em 2009, do universo de sete professores efetivos do antigo Cefetes – UnED Colatina, que acompanharam todo ou em parte o processo histórico de mudanças no Ensino Profissional e que ainda trabalhavam na escola, foram selecionados quatro professores, sendo um da área técnica e três do núcleo comum. A escolha dos sujeitos foi realizada levando-se em consideração a abertura e o interesse daqueles professores para contribuir para a pesquisa e que respiraram os ares da escola antes da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96).

Não houve preocupação com uma representação estatística. Um outro dado sobre a caracterização dos sujeitos que participaram da pesquisa é a titulação acadêmica. Em 2009, três deles eram mestres e um especialista. Optamos por não identificar o gênero dos sujeitos deste estudo por não ter sido referência para a seleção dos mesmos.

Na retomada da pesquisa que se fez, voltamos aos mesmos sujeitos pesquisados em 2009. No entanto, constatamos que um deles não trabalha mais no Campus Colatina, ou seja, o universo dos sujeitos passou a ser de três professores. Em relação à titulação, apenas um dentre os três alterou a situação acadêmica,

sendo sujeitos da pesquisa, portanto, um especialista, um mestre e um doutor. Optamos por trazer a análise das narrativas feitas no recorte temporal anterior, procurando fazer uma releitura a partir das atuais narrativas dos sujeitos pesquisados.

4 – AS NARRATIVAS DOS PROFESSORES SOBRE A TRAJETÓRIA DE MUDANÇAS NO ENSINO PROFISSIONAL DO IFES

Cada professor entrevistado abordou questões diferentes sobre: o impacto ocorrido no trabalho na escola com as alterações vivenciadas; a visão de mundo que os fez e faz perceber os acontecimentos de uma determinada forma; o sentir e o viver os acontecimentos na instituição a partir das reformas.

4.1 – MUDANÇAS DA POLÍTICA GOVERNAMENTAL NA EDUCAÇÃO: OS SENTIMENTOS

Nas narrativas dos professores encontrou-se a preocupação com as alterações nas políticas educacionais que afetaram o seu próprio trabalho. Em tempos de globalização, o Brasil passa por inúmeras reformas educacionais. “A formação profissional tem sido vista como uma resposta estratégica [...] aos problemas postos pela globalização econômica, pela busca da qualidade e da competitividade [...]” (DEL PINO, 2001, p. 77). A educação profissional passou a representar um fator fundamental para o fortalecimento do processo produtivo do sistema capitalista.

Entretanto, tal situação gera um paradoxo: por um lado o ensino profissionalizante passa a ter mais status ao servir de instrumento para os interesses do mercado global; por outro, provoca uma crise de valores, pois a Educação, mesmo no seu âmbito técnico profissionalizante, provoca, para além das questões econômicas, desdobramentos como o sentimento de temor quanto ao novo quadro que se configura no trabalho e o impacto no trabalho cotidiano.

O interesse dos “atores hegemônicos, como, por exemplo, as empresas globais” (SANTOS, 2008b, p. 26) e os organismos internacionais que representam o

mercado global, em formar mão-de-obra rapidamente para atender o mercado, levam os professores a buscarem novas formas de realizar o seu trabalho, enfrentando o novo, criando e recriando possibilidades a partir do contexto que se modifica na escola. Essa percepção não foi lenta e, de imediato, os docentes perceberam as consequências que viriam a ocorrer como a dificuldade que os alunos apresentariam com a falta de conceitos fundamentais para o desenvolvimento de suas disciplinas.

A partir das narrativas analisadas nos dois períodos da pesquisa, percebemos que as consequências do processo de globalização sentidas através das políticas educacionais adotadas na escola provocaram nos professores sentimentos diversos no quadro das mudanças. Tais sentimentos oscilam entre a apatia e a potência de invenção que se expressa nas inúmeras estratégias utilizadas para lidar com o instituído. Encontramos, também, nas narrativas dos professores, a preocupação com o trabalho desenvolvido na instituição, além da compreensão de que a escola é um espaço de muitos conflitos, que nem sempre produzem outras direções de sentido no trabalho.

4.2 – ADAPTAR-SE ÀS REFORMAS OU LUTAR: OS DESDOBRAMENTOS

A palavra adaptação apareceu nas narrativas de todos os professores entrevistados. Adaptação às novas propostas na educação e adaptação às novas possibilidades diante das mudanças efetivadas. No movimento globalizante da sociedade contemporânea, tudo que preexistia às alterações realizadas para atender o mercado “[...] é convidado a adaptar-se às suas formas de ser e de agir [...]” (SANTOS, 2008b, p. 85).

Sentimos a necessidade de entender melhor o significado da palavra “adaptar”, pois para os professores a palavra pode ter diferentes significados. Segundo o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2000, p. 15), adaptar pode significar, dentre

outras acepções, tornar apto, adequar, modificar o texto (de obra literária), adequando-o ao seu público, ou transformando-o em peça teatral.

Podemos entender que os professores sugerem a aceitação e obediência ao que é proposto e se preparam para melhor desenvolver seu trabalho, mas encontramos indícios de que eles também modificam o que é instituído por meio dos novos projetos implantados, considerando as resistências presentes em suas falas. Os professores podem se tornar aptos a realizarem as reformas educacionais sem questionamentos ou adequarem as alterações, modificando-as, transformando-as no seu cotidiano de trabalho. Mesmo os que não questionam as propostas implantadas, transformam o instituído na complexidade, no dinamismo, nas combinações cotidianas.

Santos (2008b, p. 110) ressalta que

A própria existência, adaptando-se a situações cujo comando frequentemente escapa aos respectivos atores, acaba por exigir de cada qual um permanente estado de alerta, no sentido de apreender as mudanças e descobrir as soluções indispensáveis.

Nesse sentido, parte-se para a sobrevivência diante das constantes mudanças ocorridas no Ifes, buscando a produção de outras racionalidades para além das questões hegemônicas. Para enfrentar as incongruências do mundo globalizado não existem fórmulas, pois depende-se de muitos fatores, inclusive os subjetivos: o jeito de cada um, a personalidade, o momento em que está vivendo, a experiência de vida. Lutar e adaptar são movimentos que têm sentidos diferentes para cada um e se expressam em práticas de resistência.

Percebemos que no atual período os professores buscam caminhos para se adaptarem às propostas e ajudam a implantá-las. Criticam a forma como as mesmas são realizadas, sendo vistas por eles como programas de Governo e não de Estado, implantadas de forma aligeirada, percebendo-as, assim, como uma experimentação.

No entanto, as resistências continuam surgindo dentro do contexto das reformas como forma de sobrevivência e mesmo de adaptação, num controverso movimento.

4.3 – ESPAÇOS DE DISCUSSÃO E PARTICIPAÇÃO: OS ENCONTROS E DESENCONTROS

Uma questão que apareceu, em 2009, nas narrativas dos professores é a dos espaços de discussão, seja sobre as reformas educacionais para se tomar decisões internas na escola, ou para questionar a participação dos pais sobre o trabalho didático-pedagógico da instituição. A participação nas discussões sobre a implantação das mudanças ocorridas na escola foi abordada por dois professores. Um deles aborda a participação na implementação das reformas a partir da estruturação de um novo curso; outro aborda a questão da participação da família no trabalho do professor.

No atual recorte de pesquisa, também dois professores levantaram essa questão, questionando a imposição de "normas e determinações" por burocratas que consideraram nem sempre ser o melhor e o que mais se adaptava à realidade da escola. As reformas são realizadas para atender o mercado, dessa forma, as decisões são tomadas verticalmente e os espaços de discussão são diminuídos ou desconsiderados. Como professores, sentiram as mudanças serem feitas por imposição dentro do contexto educacional, que a princípio podem discordar, mas depois concordam que precisam se adaptar, pois serão cobrados por qualidade e produtividade, de acordo com as novas regras.

Bordenave (1994, p. 16) coloca a participação como “uma *necessidade fundamental do ser humano*”. De uma forma ou de outra, todo ser humano participa das atividades sociais do seu grupo. Bordenave nos indica, no entanto, alguns graus de participação. Para ele, “o menor grau de participação é o de *informação*. Os dirigentes informam os membros da organização sobre as decisões já tomadas. Por

pouco que pareça, isto já constitui uma certa participação [...]” (1994, p. 31). Um outro grau, mais avançado

[...] é a *elaboração/recomendação* na qual os subordinados elaboram propostas e recomendam medidas que a administração aceita ou rejeita [...]. O grau mais alto de participação é a *autogestão*, na qual o grupo determina seus objetivos, escolhe seus meios e estabelece os controles pertinentes, sem referência a uma autoridade externa (BORDENAVE, 1994, p. 32-33).

No processo de reformas educacionais, os professores sentem uma “falsa” participação nas discussões que são promovidas, seja pela própria escola, seja pelo Ministério da Educação. As intervenções do Governo Federal alteram o cotidiano da escola quando implantam novas medidas por meio de leis e decretos. Os professores ficam, a princípio, inseguros e perdidos quando não participam num grau maior das decisões tomadas.

4.4 – A VELOCIDADE DAS REFORMAS E O PENSAMENTO DO PROFESSOR: OS DIFERENTES TEMPOS

Nas narrativas dos professores esteve e continua presente a questão da velocidade nas reformas educacionais implantadas e na maneira de se trabalhar a partir delas. Há uma preocupação com o efeito que a rapidez dos acontecimentos pode trazer. Fica clara a questão da dificuldade de adaptação pelo professor ao que é instituído pelo rápido movimento, característico do mundo globalizado. A dinâmica da escola se modifica e o professor faz um esforço para continuar seu trabalho. Santos (2008c, p. 12) nos fala que “acelerações são momentos culminantes na História, como se abrigassem forças concentradas, explodindo para criar o novo”.

As reformas por que passou e passa o Ifes modificaram vários aspectos no cotidiano da escola. Uma mudança realizada por decreto, por exemplo, pode desencadear uma série de deslocamentos na vida do professor: nova clientela, novas modalidades de ensino, novos cursos, novos objetivos, enfim, inúmeras novas demandas. Há entre os professores num primeiro momento “[...] reações de

admiração ou do medo diante do inusitado e a dificuldade para entender os novos esquemas e para encontrar um novo sistema de conceitos que expressem a nova ordem de gestação” (SANTOS, 2008c, p. 12). Mas eles resistem, sofrem, debatem, criam para dar continuidade à vida, ao seu exercício profissional e, nesse sentido, o tempo passa a permear o discurso do professor em conflito com o novo.

Existe no senso comum a ideia de que a velocidade do mundo contemporâneo é muito rápida e todos têm que acompanhar. Será que não existe nenhuma resistência quanto a isso? Quais são as consequências de acompanhar essa velocidade? O indivíduo também faz o tempo. Um professor coloca que em outra escola o tempo foi outro. De acordo com o modo como os indivíduos experimentam as mudanças, “o tempo se organiza diferentemente” (SANTOS, 2008a, p. 207). Os indivíduos daquela escola buscam resistir ao tempo verticalmente estabelecido.

Santos (2008a, p. 25) nos explica que “categorias fundamentais [...] estarão sempre presentes como instrumentos de análise, embora a cada período histórico o seu conteúdo mude”. Os novos tempos induzem a incorporação de novos conceitos e a exclusão de conteúdos que não correspondem mais à contemporaneidade. Santos (2008a, p. 25) continua sua análise e nos diz que “o passado não pode servir como mestre do presente, e toda tarefa pioneira exige do seu autor um esforço enorme para perder a memória, porque o novo é o ainda não feito ou ainda não codificado”.

Ao mesmo tempo em que se estabelece uma regra e esta é discutida e implementada pelos professores, uma nova regra já está sendo gestada. “Daí a sensação de um presente que foge” (SANTOS, 2008c, p. 12). É o novo sendo produzido a todo instante, decreto a decreto, e envelhecendo antes que se possa dar uma resposta com segurança. Assim, o movimento das transformações torna-se cada vez mais complexo.

Na fala dos professores percebemos “[...] o império dos interesses imediatos [...]” (Santos, 2008b, p. 157). Eles lembram a questão da expansão do ensino profissional brasileiro, iniciada em 2004 no Espírito Santo, e que foi realizada muito rapidamente. A problemática para eles consiste nas condições em que são implantadas as escolas, com estruturas administrativas diversas e, dessa forma, apesar de o Ifes ser um sistema, elas poderão apresentar resultados diferentes. Mas a questão de que foi uma expansão a “toque de caixa” – expressão dada por um professor – parece-nos corresponder aos interesses macroeconômicos do mercado.

Como nos coloca Santos sobre a questão das diversas velocidades (2008b, p. 125), “a eficácia da velocidade hegemônica é de natureza política e depende do sistema socioeconômico político em ação. Pode-se dizer que, em uma dada situação, tal velocidade hegemônica é uma velocidade imposta ideologicamente”. No entanto, a questão abordada pelos professores parece passar mais pela falta de qualidade do ensino do que pela velocidade da expansão.

4.5 – ENFRENTAMENTO DOS CONFLITOS: AS SETAS DOS CAMINHOS

Embora o tema em questão perpassasse os anteriores analisados, chamaram-nos a atenção alguns aspectos nas falas dos professores a que a seguir damos destaque. Entendemos, a partir do que os professores nos revelam em suas narrativas, que há uma busca constante por novas saídas, burlando o instituído e promovendo a solidariedade por meio de algumas ações.

A expansão de cursos em várias modalidades implantadas pelo Ifes como Ensino Técnico Integrado ao Ensino Médio, Ensino Técnico de Nível Médio, Superior de Tecnologia e Ensino Técnico Integrado à Educação de Jovens e Adultos e ainda, atualmente, cursos de Bacharelado e Especialização presencial e a distância, trouxe certa insegurança para os professores do Campus Colatina. Com todas essas

mudanças num tempo muito curto, os docentes se depararam com um novo contexto que não estavam preparados para enfrentar.

No recorte temporal anterior, houve uma contradição na fala de um professor quando disse que não existem mudanças no ensino, mas, em seguida, diz que a mudança é “muito pouca”. Diante disso, nota-se que o caminho normalmente trilhado é o da resistência quanto às reformas educacionais implantadas no Ifes. Procura-se encontrar meios para garantir que o ensino continue com a “qualidade” conquistada nos anos passados, ou seja, com os mesmos objetivos e práticas executadas na escola antes das reformas.

Outro professor narra como enfrenta as situações postas pela escola, descumprindo aquelas normas nas quais não acredita, criando novas racionalidades. Mesmo uma regra estabelecida “extraoficialmente” em comum acordo com os demais atores do processo cotidiano de trabalho, o professor descumprir diante de situações que surgem no seu dia a dia. É notória na narrativa desse professor a importância do aluno na organização e sentido do seu trabalho, como será visto a seguir. Está presente, também, em sua fala a questão dos diversos tempos existentes dentro do tempo cronológico, quando revela que não cumpre prazos na tentativa de ajudar os alunos: “Então, o que eu descumpro, uma norma que pede que eu entregue a nota tal de recuperação até o dia tal no Núcleo de Gestão Pedagógica. Porque eu fiz um combinado com o aluno”. Esse professor burla as normas instituídas, solidarizando-se com os alunos a despeito das normas verticalmente estabelecidas. Percebe-se uma luta de forças entre os que tentam homogeneizar o cotidiano da escola com regras iguais para todos, não se levando em consideração as especificidades e aqueles que buscam viver e afirmar singularidades, contrariando a ordem estabelecida. Esse “espaço de todos” seria para Santos

(2008b, p. 108) “o espaço das vivências” das regras que se metamorfoseiam no cotidiano da escola.

Na verdade, são contra-racionalidades, isto é, formas de convivência [...] criadas a partir do próprio território e que se mantêm nesse território a despeito da vontade de unificação e homogeneização, características da racionalidade hegemônica [...] (Santos, 2008b, p. 110).

Um terceiro professor parece tentar reorganizar as regras estabelecidas, promovendo os ajustamentos que para ele são importantes, necessários e ainda demonstra ter consciência das suas ações: “Mas eu não me sinto mal com esse descumprimento. Porque ainda prefiro que ele (o aluno) consiga fazer a recuperação dele”.

Continuando a falar sobre o descumprimento das normas, esse professor faz uma reflexão de seu papel como docente, que indica ser contrário à homogeneização dos indivíduos. Suas ações, centradas no alunado, demonstram uma preocupação com as condições que possam trazer algum prejuízo para seu aprendizado e seu sucesso escolar.

Segundo Santos (2007a, p. 89), “a sociedade, porém, não se rege, apenas, por leis, decretos, portarias [...]”. Existem as relações entre os indivíduos, as crenças particulares, a maneira específica de enfrentar as situações, de viver no mundo. Essas fazem mudar o rumo e trilhar diferentes caminhos no cotidiano de cada um. As regras são coletivas, mas as decisões são individuais. As falas dos dois últimos professores citados nos indicam que eles estão a todo o momento procurando um sentido para sua vida, para seu desempenho profissional através das ações solidárias que realizam junto a seus alunos, reelaborando no seu dia a dia as regras que não fazem sentido para eles. Percebemos, ainda, nas narrativas que há um movimento produzido para integrar o que para eles está desintegrado. Há nas questões apresentadas um dinamismo intrínseco nas ações que promovem cotidianamente.

No atual período os professores percebem as reformas ocorridas e que ainda ocorrem como um espaço para novos movimentos e uma oportunidade para a criação de novos espaços de trabalho, como a pesquisa e a extensão. Com o decurso temporal e a experiência com a problemática do impacto de alterações em decorrência de sucessivas reformas, percebemos os professores sempre em constante aprendizado. Eles relatam a necessidade de estudar continuamente de se manterem atualizados e acompanharem as mudanças para não serem excluídos da nova estrutura educacional.

Os professores não cruzam os braços. Ao contrário, vão à luta no campo de batalha no espaço que lhes é alheio. Santos (2007a, p. 81) nos esclarece esse movimento, dizendo que:

Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação. Mas o homem, um ser dotado de sensibilidade, busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e vai pouco a pouco substituindo a sua ignorância do entorno pelo conhecimento, ainda que fragmentário. O entorno vivido é lugar de uma troca, matriz de um processo intelectual.

Percebemos que todos os professores entrevistados buscam alternativas para enfrentar a problemática cotidiana criada a partir das reformas educacionais. As resistências e as burlas estão presentes nas ações desses professores, seja para abrirem caminhos mais participativos e solidários, seja para perpetuar algumas práticas e pensamentos.

4.6 – A VANTAGEM DE TRABALHAR NO IFES: AS OPORTUNIDADES...

Um outro discurso, produzido em comum pelos professores em 2009, foi a questão das oportunidades e vantagens de ser professor no Ifes. Percebemos durante as narrativas que há um sentimento de orgulho em trabalhar nessa escola. As falas se apresentam na direção da satisfação profissional, boas condições de

trabalho e oportunidades de qualificação. Embora todos os professores entrevistados, quando convidados a narrarem suas vidas e suas experiências, o fizeram colocando as dificuldades enfrentadas, os fatos que mais causavam desconforto e as resistências tecidas, relataram também, acreditamos, “em parte”, os motivos pelos quais continuam trabalhando como professores no Sistema Ifes.

Durante as narrativas, foram-se apresentando questões que os incomodavam, angústias, frustrações, lutas. Expressaram desgastes e apresentaram até certa revolta contra o instituído em grande parte de suas falas. Por que, então, continuam a trabalhar no Ifes? Por que não desistem da profissão e dessa escola, como tantos outros o fizeram? Ferkiss, citado por Santos (2007a, p. 81), afirma que

[...] não temos uma missão predestinada a cumprir no universo, nenhum papel em um drama pré-escrito, mas somos livres para improvisar nosso próprio papel e, mesmo, para abandonar o palco, se assim decidirmos.

Diante de tantos atravessamentos que exigem uma maior e/ou nova potência para viverem suas vidas foram apresentadas falas importantes em seus depoimentos que deixaram surgir os atravessamentos que podem suavizar e/ou dar sentido às suas lutas cotidianas. Os conflitos produzidos entre as normas estabelecidas a partir das reformas educacionais e a satisfação com alguns fatores proporcionados pelo Ifes ficaram evidentes nas narrativas dos professores entrevistados.

Apesar das manifestações contrárias a fatos já mencionados, os professores parecem apresentar um sentimento de gratidão ao Ifes, bem como satisfação e orgulho em pertencer a essa instituição, por terem condições de trabalho melhores, oportunidades concretas de qualificação e crescimento profissional do que se estivessem em outra instituição, segundo suas próprias percepções.

Nas falas de dois sujeitos aparece a questão da vocação como justificativa para continuarem seu trabalho. Concordamos com Corrêa (2003, p. 99), que analisa esse tema em seus estudos e esclarece que

[...] a vocação parece ter sido usada como defesa, no nível individual, contra as dificuldades para a realização do trabalho docente. A *mística da vocação* pode contribuir para ocultar as contradições presentes nas condições de trabalho das professoras e, ao mesmo tempo, para justificar sua permanência na profissão. Como não conseguem controlar essas condições, que lhes são adversas, procuram contê-las ou remetê-las para o plano individual por meio de estratégias defensivas. Desse modo, o magistério aparece como um comportamento individual, como uma vocação e a compensação das dificuldades para a realização do seu trabalho é apreendida no nível individual, isto é, na vocação, no dever, no empenho, no gosto pelo magistério.

No atual recorte temporal da pesquisa, os professores continuam relatando as vantagens de se trabalhar no Ifes e comprovaram em suas falas a concretização do crescimento profissional, bem como, um deles acrescentou a questão da melhoria da situação financeira pessoal. Para eles, as reformas trouxeram muitas novidades e desafios, o que contribuiu para a criação de espaços para o desenvolvimento de outras potencialidades e conquistas.

Ainda que um grande número de mudanças educacionais mude o cotidiano do professor de maneira muitas vezes radical, este encontra forças para construir sentido no seu próprio trabalho. Percebemos que os professores não são apenas meros executores, mas se envolvem nas questões produzindo novos efeitos para novos eventos.

5 – A IMPOSSIBILIDADE DE ENCERRAR O ASSUNTO: UMA RELEITURA DAS REFORMAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

A trajetória profissional dos professores pesquisados mostra importantes marcas tatuadas pelas mudanças ocorridas na educação profissional. Cada um, porém, vivenciou tais mudanças de maneira diferente. Cada indivíduo utiliza e vive as transformações do mundo diferentemente e, assim, produz infinitas práticas cotidianas.

Percebeu-se que todos os sujeitos entrevistados foram afetados pelas reformas da educação profissional. Constatou-se, também, que diante do contexto desenhado no Ifes pulsa a vida produzida pelos sentidos que afloram no cotidiano. A velocidade das transformações, os lugares e os não-lugares de debate, os sentimentos, os caminhos, a persistência, o amor pela profissão, a esperança são produzidos e realizam produções pelos professores. Indivíduos diferentes, com objetivos diferentes, em um mesmo espaço, permitem um maior dinamismo de ideias. Ou seja, com a chegada de novas regras e de novos atores nesse processo de mudanças, a experiência tornou-se mais rica.

O impacto das mudanças produziu inúmeras formas de experimentar o cotidiano da escola. São “diferentes formas de ser professor e professora” (ARROYO, 2002, p. 30). Novos olhares surgem na constante tensão entre o instituído e o instituinte, que tem como tema as reformas educacionais. Significados e sentidos são produzidos nesse movimento alucinante dos efeitos da globalização contemporânea.

Para Santos (2008b, p. 113), “a multiplicidade de situações [...] trazida com a globalização, instala uma enorme variedade de quadros de vida, cuja realidade preside o cotidiano das pessoas [...]”. Nesses quadros analisados, percebemos que os professores não perderam, como por exemplo, a força de criação e a generosidade.

O impacto das mudanças ocorridas no trabalho dos docentes levou-os a pensar uma reforma constante do trabalho pedagógico exercido junto com os demais colegas de trabalho, pois mudanças podem e são realizadas objetivando a redução dos individualismos, das acelerações, dos distanciamentos, enfim, a luta para encontrar novos caminhos nesse “[...] mundo confuso e confusamente percebido” (SANTOS, 2008b, p. 17) do Ifes.

Não existem respostas prontas e imediatas, mas trabalhar coletivamente com os professores que se encontram e desencontram nesse emaranhado de situações cotidianas é um exercício de incessante diálogo. Concordamos com Mascarello e Barros (2007, p. 117), que acreditam “[...] que essas invenções que os trabalhadores já produzem em seu cotidiano devem ganhar espaço e visibilidade para potencializar formas coletivas de expansão ilimitada da vida [...]”.

Santos (2008b, p. 20) nos diz que “[...] podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana”. A partir desse pensamento e das narrativas dos professores, podemos acreditar que a busca de novos caminhos é possível, pois

Certezas múltiplas protegem nossas tranquilidades profissionais. Vêm do cotidiano. Dão a segurança necessária para repetir ano após ano nosso papel. São os deuses que protegem a escola e nos protegem. Não constam em tratados de pedagogia, nem nos regulamentos, nem nos frontispícios das escolas. São certezas que não se discutem, tão ocultas no mais íntimo de cada mestre (ARROYO, 2002, p. 171).

Cada professor vivenciou as alterações sofridas na educação profissional de nível técnico de uma maneira bem particular. Cada um buscou, com maior ou menor intensidade, adaptar-se à nova situação, acatando ou burlando as regras instituídas, ou seja, resistindo às ideias impostas que não acreditava ser importante para o processo educacional. Assim, cada professor sabe, num mar de incertezas, que a globalização contemporânea tenta nos fazer acreditar que exista para todos as suas próprias certezas, realizando em seu trabalho cotidiano “interpretações variadas e múltiplas, que ao mesmo tempo se chocam e colaboram na produção renovada do entendimento e da crítica da existência” (SANTOS, 2008b, p. 172-173).

Também percebemos que o pensamento hegemônico atravessa os discursos e as práticas dos professores, produzindo uma contradição que torna mais complexo o seu viver. Mas cada um, mesmo individualmente, persiste a seu modo para

(des)construir a realidade e construir mais vida por meio de incessantes lutas. Dessa forma, as questões levantadas mostram que a rapidez com que se produziram as reformas afetaram fortemente seus pensamentos e suas práticas, ora buscando trilhar, ora tentando burlar os novos caminhos instituídos.

Este trabalho buscou trazer as vozes dos professores, as suas experiências e pensamentos produzidos pelas atuais modulações do capitalismo, tendo como linha de investigação que as reformas educacionais ocorridas desde o início do funcionamento da escola até os dias atuais produziram efeitos específicos com a marca da desilusão e, também, da invenção e da resistência, o que foi comprovado pelas narrativas. Novas concepções, novas produções de vida foram construídas.

Enfim, relato sobre a impossibilidade de encerrar o assunto, já que “as transformações que se processam nos sujeitos e no mundo” (MASCARELLO; BARROS, 2007, p. 104) estão presentes na dinamicidade da vida e as reformas educacionais no Ifes continuam impactando o cotidiano dos professores. Não foi possível abarcar toda a complexidade e diversidade dos processos vividos pelos sujeitos, pois tudo a cada momento se transforma, se cria e se recria.

REFERÊNCIAS

ALBANI, Míriam. *As possibilidades produzidas/vividas pelos professores no Cefetes - Colatina na trajetória de reformas educacionais: uma análise das narrativas na perspectiva da globalização contemporânea*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória, 2009.

Disponível em:

<http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/nometese_187_M%CDRIAM%20ALBANI.pdf>

Acesso em: 22 abr. 2016.

- ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. Para começo de conversa. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.). *O sentido da escola*. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- GARCIA, Regina Leite (orgs.). Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. *O que é participação*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Coleção Primeiros Passos.
- CORRÊA, Vera. *Globalização e neoliberalismo: o que isso tem a ver com você, professor?* 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.
- DALAROSA, Adair Ângelo. Globalização, neoliberalismo e a questão da transversalidade. In: LOMBARDI, José Claudinei (org.) – *Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2003. p. 197-217.
- DEL PINO, Mauro. Política educacional, emprego e exclusão social. In: GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.) - *A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 65-88.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MASCARELLO, Marinete Rosa Pereira; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. *Nos fios de Ariádne*: cartografia da relação saúde-trabalho numa escola pública de Vitória-ES. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 104-119. jan./abr. 2007.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Cotidiano: história(s), memória e narrativa. Uma experiência de formação continuada de professoras alfabetizadoras. In: GARCIA, Regina Leite (org.) – *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 97-118.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008a.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008b.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008c.

SEIXAS, Raul. Metamorfose ambulante. In: *Metamorfose ambulante*. Raul Seixas. São Paulo: PolyGram, 1998. 1 CD, faixa 5.

SILVA, Mozart Linhares da. A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea. In: SILVA, Mozart Linhares da (org) - *Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 11-37.

SOUZA, Aparecida Neri de. Trajetórias de professores da Educação Profissional. In: *Pro-Posições*. Campinas, v. 16, n. 3 (48), p. 195-211, set./dez. 2005.

VESENTINI, José William. *Geografia: geografia geral e do Brasil*, volume único: livro do professor. São Paulo: Ática, 2007.

Recebido em: Junho de 2016. Publicado em: Abril de 2018